

UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
DEPARTAMENTO ACADÊMICO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
DEPARTAMENTO ACADÊMICO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS MODERNAS
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS PORTUGUÊS/INGLÊS

GUILHERME ROBERTO DE SOUZA DA SILVA

**MADELEINE IS SLEEPING: O DESABROCHAR DA SEXUALIDADE E
SENSIBILIDADE FEMININA EM UMA LINHA TÊNUE ENTRE O
SONHO E O REAL**

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

CURITIBA

2014

GUILHERME ROBERTO DE SOUZA DA SILVA

**MADELEINE IS SLEEPING: O DESABROCHAR DA SEXUALIDADE E
SENSIBILIDADE FEMININA EM UMA LINHA TÊNUE ENTRE O
SONHO E O REAL**

Trabalho apresentado ao curso de Licenciatura em Letras Português/Inglês do Departamento Acadêmico de Comunicação e Expressão (DACEX) e do Departamento Acadêmico de Línguas Estrangeiras Modernas (DALEM) da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Letras.

Orientadora: Prof.^a Dra. Regina Helena Urias Cabreira.

CURITIBA

2014



Ministério da Educação
Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Campus Curitiba

Departamento Acadêmico de Comunicação e Expressão - DACEX
Departamento Acadêmico de Línguas Estrangeiras Modernas - DALEM
Coordenação do Curso de Letras Português-Inglês
Curso de Licenciatura em Letras Português-Inglês



TERMO DE APROVAÇÃO

**MADELEINE IS SLEEPING: O DESABROCHAR DA SEXUALIDADE E
SENSIBILIDADE FEMININA EM UMA LINHA TÊNUE ENTRE O SONHO E O REAL**

por

GUILHERME ROBERTO DE SOUZA DA SILVA

Este(a) Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) foi apresentado em de fevereiro de 2014 como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em Letras. O candidato foi arguido pela Banca Examinadora composta pelos professores abaixo assinados. Após deliberação, a Banca Examinadora considerou o trabalho aprovado.

(Regina Helena Urias Cabreira)
Prof.(a) Orientador(a)

(Jaqueline Donada)
Membro titular

(Flávia Azevedo)
Membro titular

**- O TERMO DE APROVAÇÃO ASSINADO ENCONTRA-SE NA COORDENAÇÃO
DO CURSO -**

Dedico este trabalho a todas as mulheres presentes em minha vida. Sou imensamente grato por me aceitarem em seus círculos e por terem me ensinado tudo que sei e que prezo.

À minha mãe, Adriana, por ter sido a primeira nessa linhagem de incríveis professoras.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha orientadora, Professora Regina, por ter me acompanhado desde a gestação dessa ideia. Seu comprometimento, apoio e incentivo foram indispensáveis. Obrigado por continuar acreditando em mim mesmo quando nem eu mesmo conseguia.

À Professora Andreia, que ministrou as duas disciplinas de TCC com maestria e sempre fez um trabalho de acompanhamento aplicado e significativo junto a todos nós.

Às componentes da banca, Professoras Jaqueline Donada e Flávia, pela disposição em participar de minha construção de conhecimento, lendo este trabalho e refletindo sobre ele.

À minha grande amiga Milena, por ter sempre estado ao meu lado durante todo o processo e contribuído imensamente para a maneira como este trabalho foi traçado. À Ingrid, Suelen, Alessandra, Luana e Vinícios, por também serem os amigos que sempre desejei ter. A todos que com quem estabeleci vínculos de amizade durante o período de graduação. Não tenho dúvidas de que vocês tornaram esta a época mais feliz de minha vida até então.

À minha família, por sempre ser meu porto seguro, minha motivação maior e minha fonte de inspiração. Se não fosse por vocês eu não saberia nem metade do que sei hoje. Obrigado por todo o investimento, cuidado e aceitação.

Yet it is in our idleness, in our dreams, that the submerged truth sometimes comes to the top.

(WOOLF, Virginia, 1928)

RESUMO

SILVA, Guilherme Roberto de Souza da. *Madeleine Is Sleeping: O desabrochar da sexualidade e da sensibilidade feminina em uma linha tênue entre o sonho e o real*. 2014. 40f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras Português/Inglês) – Departamento Acadêmico de Comunicação e Expressão e Departamento Acadêmico de Línguas Estrangeiras Modernas, Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Curitiba, 2014.

Este trabalho de cunho bibliográfico, que se insere na área de Literatura de Língua Inglesa, tem como objetivo explorar os amadurecimentos emocionais e sexuais femininos tendo como base a personagem Madeleine no livro *Madeleine Is Sleeping* (2004), da autora norte-americana Sarah Shun-Lien Bynum, e em conjunto analisar a metáfora da união quase completa entre o sonho e o real realizada na obra para retratar o período da adolescência. Para tanto, juntamente a outros referenciais, são empregados textos de Hutcheon (1991) nas análises envolvendo as características do pós-modernismo presentes tanto na forma quanto no conteúdo da obra, os escritos de Jung (1959) para descrição do conceito do sonho como ferramenta crucial no processo de individuação do sujeito, e a crítica Fenomenológica de Bachelard (1988) voltada à criação literária fantástica e a relação entre os impulsos do inconsciente e a construção do texto de forma criativa.

Palavras-chave: Literatura de Língua Inglesa. Sexualidade e Paixões Femininas. Sonho. Psicologia Analítica. Pós-Modernismo. Fenomenologia.

ABSTRACT

SILVA, Guilherme Roberto de Souza da. *Madeleine Is Sleeping: The unraveling of feminine sexuality and sensibility on a fine line between dream and reality*. 2014. 40f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras Português/Inglês) – Departamento Acadêmico de Comunicação e Expressão e Departamento Acadêmico de Línguas Estrangeiras Modernas, Federal Technological University of Paraná. Curitiba, 2014.

This bibliographical research, inserted in the English-language Literature field, has as its objective to explore the feminine emotional and sexual development through the character Madeleine in the novel *Madeleine Is Sleeping* (2004), by American author Sarah Shun-Lien Bynum, and to analyze the almost absolute metaphorical union of dream and reality that is employed throughout the novel to portray the teenage years. For these procedures a variety of theoretical texts will be brought as references, among them Hutcheon (1991) for the analysis involving the postmodernist elements that are present in the novel's form and content, Jung's works (1959) to describe the concept of the dream as a crucial mechanism in one's individuation process, and Bachelard's Phenomenological criticism (1988), to discuss the literary creation process of fantastic literature and the relations between the unconscious' impulses and the construction of the imaginative text.

Keywords: English-language Literature. Feminine Passions and Sexuality. Dreams. Analytical Psychology. Postmodernism. Phenomenology.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	10
2 O SONHO DA JOVEM: A INDIVIDUAÇÃO SEXUAL E SENSÍVEL.....	14
3 ENTRE O SONHO E O REAL: EXPLORAÇÕES DO TEXTO.....	25
3.1 O PÓS-MODERNISMO: INTERTEXTUALIDADE, FORMA E SUBVERSÕES	25
3.2 A ESCRITA SONHADORA E SEU IMPACTO.....	36
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	39
REFERÊNCIAS.....	41

1 INTRODUÇÃO

A Literatura desempenha uma função de extrema importância na vida do sujeito leitor, ao colocá-lo em frente a inúmeras representações simbólicas da existência e instigando a reflexão sobre diversos fenômenos de ordem interna e externa que fazem parte da experiência humana. Dessa forma, a Literatura atua como uma ferramenta de apoio para o desenvolvimento individual e social daqueles que com ela estabelecem contato, contribuindo para a junção de uma miríade de fragmentos da condição humana em um sujeito dotado de consciência. Entre os elementos que podem ser trazidos à tona para a reflexão do leitor está a problemática do amadurecimento, que perpassa toda a trajetória de autoconhecimento do ser e se constitui de numerosos componentes essenciais, entre eles o contato com a própria sexualidade, o despertar das emoções de ordem romântica e o exercício destas faculdades a partir de determinado ponto na progressão de vivência do indivíduo.

Em vista das contribuições da Literatura para a progressão contínua do ser em direção à plenitude da consciência por meio de reforços alegóricos de determinados aspectos da existência, este trabalho volta-se para uma obra da Literatura de Língua Inglesa visando realizar uma análise da metáfora do despontar da faceta sexual e da sensibilidade passional na fase da adolescência; período em que ocorrem transformações drásticas tanto na materialidade do corpo quanto na psique do ser humano. Nesse momento transicional ocorre o abandono das formas de pensamento tipicamente infantis, dotadas de uma enorme carga de associações lúdicas e de honesta inocência em relação a si próprio e ao mundo a que o sujeito pertence, e a metamorfose física, que prepara o recém-formado novo ser para a fertilidade sexual e a interação romântica com eventuais parceiros.

A obra analisada, *Madeleine Is Sleeping* (2004), de autoria da escritora norte-americana Sarah Shun-Lien Bynum¹, com sua grande metáfora literária calcada na atividade onírica, viabiliza a análise dos momentos em que tomam forma as descobertas dessa fase confusa de transição física e psicológica. Uma narrativa curiosa, escrita em pequenos blocos separados e com intercalações entre duas versões diferentes de Madeleine, a personagem principal, a obra possui fortes contornos pós-modernos, carregados de prosa poética, fluxos de consciência, tonalidades impressionistas e inspirações diretas da tradição dos contos de fadas;

¹ Sarah Shun-Lien Bynum é uma escritora e professora norte-americana. Já publicou dois livros, *Madeleine Is Sleeping* (2004) sendo o primeiro, e dá aulas de escrita criativa na University of California, San Diego.

elementos estes que acabam por envolver o leitor em sua rica e turva simbologia relacionada à adolescência, situando a personagem e as distintas esferas em que ela se encontra em uma fronteira frágil entre os mundos do sonho e do real.

O foco específico da análise deste trabalho é dado ao desenvolvimento das características adultas na adolescente do sexo feminino. Sabe-se que, a partir do momento da pubescência, se instauram sobre corpo e mente femininas expectativas sociais coercivas que privam as mulheres de ter experiências de real contato com a própria sexualidade, ou, como pontua Simone de Beauvoir, em sua obra *O segundo sexo: a experiência vivida* (1980):

(...) enquanto o adolescente se encaminha ativamente para a idade adulta, a jovem aguarda o início desse período novo, imprevisível, cuja trama já se acha traçada e para o qual o tempo a arrasta. Já desligada de seu passado de criança, o presente só se lhe apresenta como uma transição; ela não descobre nele nenhum fim válido, mas *tão* somente ocupações. De uma maneira mais ou menos velada, sua juventude consome-se na espera. Ela aguarda o Homem (BEAUVOIR, 1980, p. 66).

Dessa forma reprimida se constitui a realidade do ser feminino a partir da visão social de seu amadurecimento. Em comparação direta com o homem, a mulher acaba por ocupar uma categoria distinta dentro do paradigma societário dominado pelos impulsos sexuais masculinos, a de objeto e propriedade daqueles que mantêm os poderes de decisão e execução e os utilizam livremente; privando-a da possibilidade de autoconhecimento e colocando sobre suas costas árduos encargos impostos pela construção histórica dos papéis de gênero dentro da sociedade patriarcal. A análise das propriedades únicas do desabrochar sexual e sentimental da jovem através da Literatura se mostra então extremamente importante por possibilitar uma visão que se desvia dos padrões pré-estabelecidos pela sociedade controlada pelo homem; visão esta que fornece novas possibilidades de reflexão ao sujeito leitor sobre as diversas realidades existentes dentro do conceito plural de condição humana.

Relacionando-se de forma íntima com a metáfora elaborada pela construção narrativa pós-moderna da obra aqui analisada temos os conceitos de Jung (1959) sobre o *sonho* e seu papel determinante no encadeamento da individuação do sujeito. Jung estabelece que o sonho seja um processo aperceptivo cuja manifestação de conteúdos subjetivos e simbólicos pertencentes à esfera do inconsciente possibilita a exploração de conteúdos psíquicos internalizados pelo indivíduo, de maneira que sua interpretação e consideração se fazem de extrema importância na análise psicológica para a integração das facetas consciente e inconsciente, resultando na descoberta e no aperfeiçoamento de si próprio e em um contato pleno com o arquétipo primordial, o Self ou Si-mesmo.

Juntamente às análises de ordem psicológica vem aquelas que possuem maior ligação ao texto em si e voltam sua preocupação para a forma e a construção da narrativa e o processo

de criação imaginativa de uma obra fantástica. Linda Hutcheon, em sua obra *Pós-Modernismo: história, teoria, ficção* (1991), estabelece que a pós-modernidade é uma “metaficção historiográfica”, que, embora não promova nenhuma real ruptura com a tradição literária e com a própria História, acaba por incitar uma espécie de caos interno na ideia geral de cultura, fazendo com que esta se volte contra si mesma, por meio do levante de questionamentos constantes tanto no âmbito temático quanto no da forma e da linguagem, de desafios envolvendo conceitos previamente estabelecidos e aceitos como consenso geral, e da subversão de vários desses conceitos, trazendo através de todas essas estratégias novas possibilidades de criação e exploração do texto. Já Gaston Bachelard, em seu livro *A poética do devaneio* (1988), coloca em investigação o método de criação poética por meio do sonho e do devaneio, através de sua análise literária oriunda da Fenomenologia e de conceitos da Psicologia Analítica de Jung. Neste ensaio, o autor afirma que a escrita poética pode levar o sujeito a um estado de devaneio em si através da leitura e da internalização das imagens encontradas no texto, de maneira que seja induzida uma mudança de significância na própria existência desse leitor.

Tendo em vista todos os conceitos previamente exibidos, este trabalho possui como objetivo a análise dos desenvolvimentos sexuais e sensíveis da jovem camuflados pela metáfora do sonho na narrativa de *Madeleine Is Sleeping* (2004), e a exploração da construção dessa obra fantástica e de caráter hermético em relação direta ao uso do sonho como veículo narrativo. A análise proposta por este trabalho é inédita, pois além de não existirem muitos trabalhos escritos sobre o romance, ele é extremamente recente e escrito por uma jovem e ousada autora, não membro do cânone literário, o que é de extrema utilidade para a contínua desconstrução da já defasada ideia de que somente o que é canônico merece ser objeto de estudo dentro dos círculos especializados.

O trabalho é dividido em dois capítulos principais, sendo o segundo dividido em dois subcapítulos. O primeiro deles, intitulado *O sonho da jovem: a individuação sexual e sensível* destina-se à análise de personagens, elementos, imagens e detalhes da obra através dos estudos de Jung (1957) sobre a individuação do ser e do sonho como ferramenta mediadora essencial entre o inconsciente e o consciente que atua nesse processo. O segundo capítulo, possuidor do título de *Entre o sonho e o real: explorações do texto*, realiza a ponte entre a primeira análise e as duas subsequentes, dando continuidade aos estudos do papel do sonho na obra, em sua divisão em duas partes. O primeiro subcapítulo, intitulado *O pós-modernismo: intertextualidade, forma e subversões*, vem trazer as ideias de Hutcheon (1991) para esmiuçar a relação direta da narrativa com os contos de fadas tradicionais *A Bela Adormecida* e *A*

Donzela sem Mãos, aqui respectivamente em suas versões escritas pelos Irmãos Grimm (2005) e por Estés (1994), tratar de sua estrutura incomum calcada em blocos de texto com títulos independentes, sua falta proposital de linearidade narrativa e a forma de narrar presente na obra e finalmente trazer à tona a importância do grotesco e seus elementos desconcertantes para a narrativa. Já o segundo subcapítulo, intitulado *A escrita sonhadora e seu impacto*, vai se utilizar dos conceitos de Bachelard (1988) para tratar da potência criativa e fantástica presente na linguagem poética de *Madeleine Is Sleeping* e dos motivos que tornam esse romance um exemplo de criação imaginativa que pode despertar conexões com o sujeito leitor. Finalmente, na seção *Considerações Finais*, é realizada uma sumarização que corrobora todos os aspectos teóricos através de elementos encontrados dentro da obra e uma conclusão das ideias propostas por este trabalho.

2 O SONHO DA JOVEM: A INDIVIDUAÇÃO SEXUAL E SENSÍVEL

A obra *Madeleine Is Sleeping* (2004), conta a história de Madeleine, uma jovem que mora com sua família em um provinciano vilarejo no interior da França, e que desde o início da narrativa se encontra em um profundo sono, deitada em sua cama e sendo velada pela Mãe² e pelos irmãos e irmãs menores. Em seu repouso impenetrável Madeleine sonha, e fantasticamente as propriedades surreais de seu sonhar se refletem no mundo inicialmente tido como real que a cerca. Através dos sonhos de Madeleine o pomar de sua família sobeja com deliciosas frutas, tantas que as compotas feitas por sua Mãe se tornam famosas e são vendidas brilhantemente. A vizinha obesa Matilde Cochon cria pequenas e lépidas asas, com as quais ela alça voo e realiza observações e experimentos científicos que anota em seu caderninho. Charlotte, uma moça inocente e recém-casada, com ciúmes da dedicação do marido músico para com uma viola, talhada à sua imagem e semelhança, acaba por tomar o formato do instrumento e crescer longos pelos perpendiculares em seu corpo, como as cordas da viola. E a própria Madeleine se materializa na vila, interagindo com as outras garotas e tendo sua primeira experiência sexual, ao usar suas mãos para estimular e levar ao orgasmo o louco da região, M. Jouy, o que era um maldoso jogo secreto realizado pelas jovens do local. Ao participar e ser descoberta, Madeleine é punida por sua Mãe com a mutilação de suas mãos e é mandada para um convento em Paris, para então de lá fugir e se encontrar com um grupo de saltimbancos, participando como uma dos componentes do show composto por pessoas consideradas “aberrações”.

Já como integrante da bizarra trupe circense, Madeleine acaba se deparando com novas facetas de si que desconhecia. Ao interagir com um dos membros da companhia, o deprimido e inseguro M. Pujol, “Le Pétomane”³, ela descobre a paixão, que até então era uma emoção distante, e se percebe como um ser diferente do que era anteriormente, tomando consciência de sua recém-formada identidade enquanto mulher. Simultaneamente, ela se vê

² “Mother”, no original. A Mãe de Madeleine não possui um nome na narrativa, ela simplesmente é adereçada dessa forma em toda a obra, tanto por seus filhos e filhas quanto pelo narrador. As outras personagens se reportam a ela utilizando a forma de tratamento “Madame”. O mesmo acontece, em menor escala, com “Papa”, o pai de Madeleine.

³ “O Flatulista”, em francês. A personagem foi inspirada em Joseph Pujol (1859-1945), um artista circense francês que realmente existiu e possuía controle total sobre seus músculos abdominais, o que conferiu a ele a habilidade de reproduzir sons estrondosos e até mesmo músicas utilizando apenas a força de sua flatulência, puxando o ar facilmente para dentro de seu canal retal e expelindo-o com a mesma facilidade.

no meio de um triângulo amoroso extremamente ambíguo juntamente com M. Pujol e o fotógrafo da trupe, Adrien, o que causa uma interessante e confusa tensão entre as três personagens.

Curiosamente, enquanto todas essas ações são desenvolvidas por Madeleine em sua jornada, ela também está deitada em sua cama, sonhando e desencadeando eventos que afetam sua família (especialmente sua Mãe) dentro do vilarejo. Ao final, ambas as versões de Madeleine se entrelaçam e ela se deita e volta novamente a dormir no meio de todos os habitantes da vila, que se reuniram para um espetáculo no picadeiro idealizado por ela e montado com o auxílio das crianças locais. Como se pode perceber, a distinção entre o que pertenceria ao âmbito dos sonhos e o que seria a vida no mundo real é praticamente imperceptível, e o leitor é levado a perceber toda a trajetória da personagem principal como uma incomum alegoria imagética para a passagem da adolescência para a vida adulta, e o amadurecimento da moça em relação a seus próprios impulsos sexuais e românticos.

Como forma de se compreender a metáfora expressa na obra aqui analisada se faz extremamente importante a compreensão da concepção de individuação e do sonho enquanto veículo mediador da individuação, que age de maneira conciliatória entre a consciência e a inconsciência, dois dos conceitos formulados por Carl Jung na construção de sua Psicologia Analítica. Na obra *The Basic Writings of C. G. Jung* (1957), o autor descreve a individuação como “(...) becoming a single, homogeneous being, and, in so far as ‘individuality’ embraces our innermost, last, and incomparable uniqueness, it also implies becoming one’s own self” (JUNG, 1957, p. 181)⁴. A individuação é, portanto, a autorrealização do sujeito, a partir do momento em que este acessa e entra em contato com os conteúdos escondidos em seu inconsciente, trazendo-os para a superfície da consciência e assimilando-os, de maneira que ele acabe se aproximando cada vez mais do *Si-mesmo*, a autoconsciência plena que Jung também nomeia como *Self* e determina ser o arquétipo⁵ fundamental, o centro de toda a personalidade do sujeito. O Si-mesmo é “(...) base e sustentáculo deste processo, ou seja, um todo unificado do qual o ego consciente é apenas uma parte essencial” (YOUNG-

⁴ “(...) tornar-se um ser único, homogêneo, e, enquanto a ‘individualidade’ abarca nossa mais profunda e incomparável singularidade, também implica tornar-se seu próprio si-mesmo”. (tradução livre do autor deste trabalho)

⁵ “The archetype is essentially an unconscious content that is altered by becoming conscious and by being perceived, and it takes its color from the individual consciousness in which it happens to appear” (JUNG, 1957, p. 361).

EISENDRATH & DAWSON, 2002, p. 103). Ele regula a integridade psicológica e estimula a continuidade do autoaprimoramento do potencial do ser, através de mecanismos psíquicos compensatórios⁶ que se encontram relacionados a atitudes conscientes do indivíduo.

A individuação visa o desenvolvimento de um estado de consciência plena das faculdades que formam a personalidade, removendo as projeções antes não percebidas que se encontram no espaço profundo do inconsciente e as levando para a absorção que o sujeito produz na esfera consciente, admitindo para si próprio todas as suas características, incluindo as de ordem negativa, que são representadas pela *sombra*, o arquétipo mais obscuro e primal que existe no âmbito inconsciente do ser humano. Como pontuam Young-Eisendrath & Dawson em seu *Manual de Cambridge para estudos Jungianos* (2002):

“Admissão” é uma palavra adequada, pois o que está envolvido são seus dois significados: tanto ‘confessar’ quanto ‘deixar entrar’. O que reconhecemos no curso da individuação é primeiramente aquele aspecto indesejável de nossa natureza que Jung chama de sombra. Esta é formada por todas as tendências, motivos e características pessoais que excluimos da consciência, deliberadamente ou não. É claro que ela é tipicamente projetada nas outras pessoas; mas se olharmos e ouvirmos honestamente, também iremos aprender sobre ela e, conseqüentemente, sobre nós mesmos, com nossos sonhos, com nossa auto-reflexão, e, não menos importante, com as respostas dos outros. A admissão da sombra é condição indispensável da individuação (YOUNG-EISENDRATH & DAWSON, 2002, p. 103).

A partir do trabalho psicológico de terapia vem a admissão das características da sombra, e a partir disso inicia-se a incorporação dos conteúdos ocultos ao sujeito que estão contidos nela, o que é de grande valia para a continuidade do processo de individuação.

Também envolvidos com a individuação estão dois arquétipos que atuam como contraponto sexual ao sujeito, a *anima* (arquétipo feminino, presente no homem) e o *animus* (arquétipo masculino, presente na mulher). Essas duas figuras, assim como a sombra, habitam as profundezas do inconsciente do sujeito, atuam compensando as atitudes da consciência e completando “sua experiência unilateral, seja de homem ou de mulher” (YOUNG-EISENDRATH & DAWSON, 2002, p. 104) e mediam o acesso à inconsciência, sendo de vital participação no procedimento de individuação. Vale a pena ressaltar que esses dois arquétipos serão retomados mais à frente neste trabalho, fazendo parte da argumentação de Bachelard (1988) para a interpretação e realização do devaneio por meio da leitura poética.

⁶ Modificação ou equilíbrio inconsciente das atividades conscientes.

Como já postulado, o Si-mesmo se utiliza de vários mecanismos para realizar a compensação da atividade consciente e intermediar a individuação. Entre esses auxiliadores psíquicos está o sonho, o segundo elemento essencial da análise aqui apresentada.

O sonho para Jung (1957) é um produto puro da esfera do inconsciente, “(...) a fragment of involuntary psychic activity, just conscious enough to be reproducible in the waking state” (JUNG, 1957, p. 454)⁷. O autor também afirma que o sonho, dentre todos os fenômenos de ordem psicológica oriundos do inconsciente, é o que possui a maior carga de fatores “irracionais”, dispensando regras lógicas de coerência com a realidade, por isso possuindo maior carga simbólica e menor conteúdo claramente compreensível, que deve ser subsequentemente sujeitado à interpretação para que seus significados ocultos sejam apreendidos pela postura consciente. Nas palavras do próprio Jung:

Usually a dream is a strange and disconcerting product distinguished by by many ‘bad qualities’, such as the lack of logic, questionable morality, uncouth form, and apparent absurdity or nonsense. People are therefore only too glad to dismiss it as stupid, meaningless, and worthless. Every interpretation of a dream is a psychological statement about certain of its contents (JUNG, 1957, p. 455)⁸.

Assim sendo, o sonho reflete o estado da psique e pode, por vezes, apresentar formas arquetípicas em suas manifestações, o que pode ser uma indicação de mudança profunda no estado em que se encontra a psique do indivíduo. Por sua expressão de alterações psíquicas pode-se concluir que o sonho é um dos princípios atuantes na individuação, pois ele funciona “(...), auxiliando o ego vigoil a encarar-se a si mesmo de forma mais objetiva e consciente” (HALL, 1986, p. 122).

Pensando na totalidade da metáfora da narrativa, se pode associar a própria Madeleine e sua Mãe com dois dos arquétipos femininos encontrados nas teorias da Psicologia Analítica. Em sua obra *Aspects of the Feminine* (2003), Jung realiza uma exploração das características de dois dos arquétipos mitológicos primordiais que se manifestam no inconsciente humano, a *Mãe* (que pode se ligar a várias figuras religiosas diferentes, como a deusa grega da colheita, Deméter, a Virgem Maria ou Kali, a deusa hindu da destruição) e a *Kore* (a figura mitológica da moça, filha ou ninfa).

⁷ “(...) um fragmento de atividade psíquica involuntária, consciente o bastante para ser reproduzido no estado de vigília”. (tradução livre do autor deste trabalho)

⁸ “Normalmente o sonho é um produto estranho e desconcertante que se distingue através de muitas ‘más qualidades’, como a falta de lógica, moralidade questionável, forma rude, e absurdo ou tolice aparente. As pessoas então se sentem à vontade para desconsiderá-lo como uma bobagem sem significado nem valor. Toda interpretação de um sonho é uma afirmação psicológica de alguns de seus conteúdos”. (tradução livre do autor deste trabalho)

A imagem arquetípica da Mãe mitológica é associada repetidamente com a fertilidade e a frutificação, com a terra fecunda e, oferecendo exemplos de objetos colocados como pertencentes ao universo dessa figura, Jung cita os fornos e utensílios de cozinhar, que com suas formas ocas e o eventual aquecimento lembram o útero, representação importantíssima desse arquétipo. A Mãe simboliza em sua forma positiva o ato de acolher e a autoridade benigna, enquanto que em sua forma negativa ela traz à tona a conotação de segredos obscuros e a punição terrível e inescapável.

Na obra, a Mãe de Madeleine exibe, tanto em seus traços e comportamentos quanto nos símbolos associados a ela, a conexão com esse arquétipo fundamental da psique feminina. Ela é quase sempre vista dentro de casa, próxima ao fogão e às panelas, fabricando compotas e assando tortas com as frutas que brotam em excesso no pomar da família graças aos sonhos de Madeleine. O pomar, inclusive, funciona como um símbolo poderoso sempre associado a ela, que se utiliza de sua fecundidade para cozer alimentos e prover o sustento para a família. A imagem cuidadosa de zelo e amor maternal surge sempre que ela se reporta ao sono profundo da filha, como demonstrado logo na abertura da narrativa, em que ela diz aos outros filhos: “Hush, Mother says. Madeleine is sleeping. She is so beautiful when she sleeps, I do not want to wake her” (BYNUM, 2004, p. 1)⁹. A Mãe sempre recomenda que os irmãos menores ajeitem Madeleine e tomem conta dela, porque ninguém deve despertá-la.

O interesse da Mãe no sono pesado da filha mais velha pode ser interpretado como sendo a ligação com a ideia de fecundidade, como se os sonhos dela realizassem o potencial de fertilidade e fornecessem a completude que a Mãe deseja em sua própria existência, como declarado em:

When Madeleine sleeps, Mother says, the cows give double their Milk. Pansies sprout up between the floorboards. Your father loves me, but I remain slender and childless. I can hear the tumult of pears and apples falling from the trees like rain. Smooth your sister’s coverlet. Arrange her hair on the pillowcase. Be silent as saints. We do not wish to wake her (BYNUM, 2004, p. 7)¹⁰.

Porém, apesar das expressões dos aspectos positivos do arquétipo materno, a Mãe acaba também por atuar como juíza, executora e carcereira da própria filha, manifestando

⁹ “Silêncio, diz a Mãe. Madeleine está dormindo. Ela fica tão bela quando dorme, não quero acordá-la”. Tradução livre do autor deste trabalho.

¹⁰ “Quando Madeleine adormece, a Mãe diz, as vacas dão o dobro de leite. Amores-perfeitos florescem por entre o assoalho. Seu pai me ama, mas eu me mantenho esbelta e sem filhos. Posso ouvir o tumulto das peras e maçãs caindo como chuva das árvores. Alisem a colcha de sua irmã. Arrumem seus cabelos no travesseiro. Sejam silenciosos como santos. Não desejamos acordá-la.” (tradução livre do autor deste trabalho)

traços pertencentes à faceta negativa da Mãe arquetípica. Da mesma forma que o interesse em manter Madeleine adormecida pode ser interpretado como um benefício para todos ao seu redor, esse interesse também oferece a perspectiva de aprisionamento. O ato da Mãe de continuar prolongando indeterminadamente o sono de Madeleine a mantém fixa em sua cama, presa eternamente debaixo da vigilância constante da família, e principalmente da figura materna. A manutenção do estado de sonolência seria então a primeira das duas formas empregadas pela Mãe como medidas de castração da moça, para que ela não usufrua das novas características sexuais que está adquirindo. A segunda, a mutilação das mãos, é muito mais radical e de natureza estritamente punitiva. Ela penaliza a filha por explorar a própria sexualidade em desenvolvimento, como se comprova no trecho: “Madeleine’s hands were thrust into a pot of boiling lye” (BYNUM, 2004, p. 38)¹¹. Ao queimar as mãos de Madeleine como maneira de “purificá-la” por ter masturbado M. Jouy se vê a manifestação da mãe cruel, que tolhe qualquer conduta que não aprove, fornecendo mais uma vez evidências da ligação desta personagem com o arquétipo Jungiano da Mãe que existe no inconsciente. Por essa atuação negativa, a Mãe vem a representar a repressão sexual que a jovem mulher sofre durante o desenvolvimento que a levará a vida adulta. Mais à frente neste trabalho o episódio da punição será retomado com outro enfoque.

Partindo para o outro extremo, a figura da Kore se relaciona de maneira direta com Madeleine, a personagem principal, por ser a representação da virgem que começa a explorar o mundo de maneira vulnerável, sendo muitas vezes exposta a diversos tipos diferentes de perigos que envolvem de alguma forma um ritual de passagem que ameaça partes de sua integridade física, como afirma Jung:

The maiden’s helplessness exposes her to all sorts of dangers, for instance of being devoured by reptiles or ritually slaughtered like a beast of sacrifice. Often there are bloody, cruel, and even obscene orgies to which the innocent child falls victim. Sometimes it is a true nekyia¹², a descent into Hades and a quest for the ‘treasure hard to attain’, occasionally connected with orgiastic sexual rites or offerings of menstrual blood to the moon (JUNG, 2003, p. 166)¹³.

¹¹ “As mãos de Madeleine foram empurradas para dentro de uma panela de sabão fervente”. (tradução livre do autor deste trabalho)

¹² Termo grego para designar uma jornada ao inferno ou mundo inferior, o Hades da mitologia helenística.

¹³ “O despreparo da donzela a expõe a diversas situações de perigo, como por exemplo ser devorada por répteis ou ritualisticamente assassinada como um animal destinado ao sacrifício. Por vezes surgem sangrentas, cruéis e mesmo obscenas orgias que acabam por tomar a inocente moça como vítima. Em algumas vezes é uma verdadeira nekyia, uma descida ao Hades e uma busca pelo ‘tesouro difícil de alcançar, ocasionalmente associada a ritos sexuais orgásticos ou oferendas do sangue menstrual para a Lua.” (tradução livre do autor deste trabalho)

Mais a frente, ele ainda estabelece que a virgem arquetípica não necessariamente se enquadra como “puramente humana”, retendo consigo determinados aspectos extraordinários e passa por experiências estranhas que acabam por reforçar seu fator místico.

Colocando Madeleine sob essa perspectiva, pode-se efetivamente afirmar que ela não é como as outras personagens que encontra por entre suas jornadas (talvez as personagens com menores níveis de diferença em relação à Madeleine sejam as do núcleo dos ciganos/saltimbancos, por serem todos donos de alguma habilidade ou característica grotesca). Desde o princípio é colocada ao leitor a noção de que todos os eventos incomuns, metamorfoses fantásticas e encontros fortuitos só ocorrem porque são derivados de seus sonhos. Mesmo enquanto a garota ainda é vista apenas como uma jovem em estado profundo de sono em sua casa, no início da narrativa, já se percebe que ela é capaz de maravilhas, não sendo um ser humano comum, como se nota no trecho em que sua respiração sonolenta produz figuras como mágica e é admirada com fervor por seus irmãos mais novos através de um pequeno espelho:

The small, pliant siblings heed Mother's bidding. Among the morning chores is the task that gives them most delight. First, you must sweep the walkway. After that, you must kiss grandmother's forehead. You must also lug empty pails to where Papa is milking. Only then are you entrusted with Mother's heirloom, a hand mirror whose face you hold out to the morning air like a butterfly net, catching the chill in midflight.

Madeleine is as still as a mummy, but when they hold the mirror beneath her nose, ghostly shapes appear on its cold surface. The children shove to see the results. A rabbit! Madeleine exhales again: an anteater! A menagerie of vaporous animals escapes from her nostrils and instantly disappears: the mirror records and erases in the same moment. Jean-Luc captures a whale. Claude, a pregnant sow. Beatrice says that she sees only cows.

Do not worry, Maman. Madeleine is still sleeping (BYNUM, 2004, p. 11)¹⁴.

No que diz respeito à jornada do arquétipo da Virgem, repleta de experiências estranhas, Madeleine se encaixa perfeitamente. Todo o desenrolar da narrativa é seu rito de passagem, sua jornada entrecortada por símbolos ilógicos e enigmáticos, experiências

¹⁴ “Os pequenos, elásticos irmãos dão atenção aos comandos da Mãe. Entre as tarefas matutinas está aquela que lhes é mais prazerosa. Primeiro, é preciso varrer a entrada. Depois disso, é preciso beijar a testa da avó. Também é preciso levar os baldes vazios para onde Papa está ordenhando. Só então é que se é confiada a você a relíquia de família da Mãe, um espelho de mão cuja face é levantada para o ar matinal como uma rede de caçar borboletas, capturando o frio em pleno voo.

Madeleine ainda está parada como uma múmia, mas quando eles seguram o espelho abaixo de seu nariz, formas fantasmagóricas aparecem sob sua superfície fria. As crianças se empurram para ver os resultados. Um coelho! Madeleine respira novamente: um tamanduá! Um zoológico de animais vaporosos escapa de suas narinas e num instante desaparece: o espelho grava e apaga ao mesmo tempo. Jean-Luc enxerga uma baleia. Claude, uma porca prenha. Beatrice diz que só vê vacas.

Não se preocupe, Maman. Madeleine ainda dorme”. (tradução livre do autor deste trabalho)

excêntricas que por vezes chegam a beirar os limites da compreensão, e por contatos com si mesma que levam a um novo estado de ser. Essa jornada baseia-se no sonho em si e todas as mudanças notadas pela personagem durante seu curso fazem parte do seu processo de individuação, na constituição de sua nova condição enquanto mulher.

Desde as primeiras linhas do romance nota-se a inserção da personagem nos recônditos do inconsciente. Ela é retratada como uma menina em estado dormente, que eventualmente se agita sobre o leito sem despertar, sonhando com (e conseqüentemente criando) diversas outras personagens e suas histórias fantásticas, e dando origem a magníficos fenômenos por todas as imediações de sua casa. Em seus sonhos, Madeleine retoma as lembranças de seu primeiro contato sexual, que aconteceu ao participar do jogo secreto das meninas do vilarejo, estimulando sexualmente com suas mãos o lunático do lugar, M. Jouy. A partir desse ponto a divisão entre o sonho e o real começa a se dissolver. O contato sexual acabou por trazer como conseqüências a mutilação de suas mãos e seu envio para um pequeno convento em Paris. A linguagem utilizada pelo narrador muda, com a troca do uso verbal em relação à Madeleine indo do passado para o presente. Madeleine, de maneira repentina, está totalmente ativa a partir desse instante e interage com as colegas do convento e o novo mundo em que se encontra até o momento de seu rapto, realizado em meio a um número circense do grupo de saltimbancos com quem ela e as outras freiras se deparam nas ruas. As duas versões da personagem, a donzela adormecida e a jovem aventureira, participam da narrativa ao mesmo tempo, porém atuando de maneiras distintas. Então, a partir do conceito Jungiano de sonho, pode-se interpretar a faceta atuante de Madeleine como sendo pertencente ao domínio do sonho e seus percalços juntamente ao grupo cigano como as etapas oníricas e simbólicas que dão vazão à compensação que auxilia na individuação da adolescente adormecida.

Dentro da interpretação da jornada narrativa como sonho, diversos momentos simbólicos despontam como evidências de que a individuação de Madeleine está ocorrendo de maneira gradual, enquanto ela lentamente toma consciência de sua nova condição de mulher possuidora de emoções românticas e impulsos sexuais. As simbologias da casa da Mãe e do convento se interligam: ambos os locais possuem forte carga relacionada ao confinamento e a repressão do Si-mesmo, impedindo a ação regenerativa do arquétipo instintivo e o acesso aos novos desejos sexuais e emoções românticas. Estando envolta pela opressão e pelo impedimento de se expressar, o sonho é o escape ideal para Madeleine. Ele é sua porta para a libertação, para a expressão de suas recém-adquiridas emoções e sensações físicas, por isso se apresenta como algo tão fecundo e positivo logo de início. Não é à toa que

as frutas sobejam, o leite é abundante e fenômenos fantásticos ocorrem durante seu sono; essas maravilhas são traduções do prazer que a liberdade do sonho proporciona à jovem.

Em seus sonhos remissivos do contato com M. Jouy, Madeleine expressa suas sensações enquanto o contato sexual tomava parte. Ela relata já ter estado na roda do jogo das meninas antes quando ainda mais jovem, porém sem de fato tomar parte na brincadeira. Quando finalmente chegou sua vez, ela o fez com curiosidade e sensibilidade sem par, impressionando até mesmo o *half-wit*¹⁵ M. Jouy. Enquanto que para as outras meninas aquilo era um ato de troça e ridicularização, para Madeleine era uma experiência íntima e sensível que despertou nela sensações antes desconhecidas, diretamente ligadas ao impulso do desejo sexual:

Sophie had instructed her to watch his face crumple, majestic and startling like a damp sheet collapsing from the washline, but despite the girls' demands – Look, Madeleine, look! – her gaze never strayed from her hands, his helpless cock. She wondered at the larger girls who claimed that they were too old, that the game had become dull. She could never outgrow this; she would be drawn back ceaselessly, her curiosity constantly renewed. This she knew: you never tire of decapitating a dandelion and squeezing out its milky entrails. The more the motion is repeated, the more irresistible it becomes. You have no choice but to desecrate a dandelion stalk. That is what it is there for. His come smelled of the sweet and musty hay that he slept on. She would kneel down daintily and wipe her hands in the long grass. As she walked home from the secret place, the village dogs would nuzzle her palms, their hot tongues lapping up the fading scent (BYNUM, 2004, p. 35)¹⁶.

Em conjunto com a descoberta do desejo, Madeleine logo entra em contato com outra recém-adquirida emoção, a paixão. A interação dela com M. Pujol, seu colega na companhia circense, faz vir à tona sua identificação com sua figura pálida e certo enternecimento pela tristeza continuamente expressa pelo homem e, a partir disso, um afeto romântico confuso, que não foi totalmente compreendido logo de início. Foi precisa uma experiência catártica para que Madeleine se conscientizasse de que estava apaixonada por M. Pujol. Essa

¹⁵ “Débil mental”, em inglês. Expressão utilizada diversas vezes no romance em relação a M. Jouy.

¹⁶ “Sophie a instruiu a olhar pro rosto dele enquanto enrugava, majestoso e surpreendente como uma folha de papel úmida que caiu sobre o lavatório, mas apesar dos pedidos das garotas – Olhe, Madeleine, olhe! – seu olhar não se desviava de suas mãos, de seu desamparado pênis.

Ela pensava nas garotas maiores que afirmavam que já estavam velhas demais, que o jogo havia se tornado tedioso. Ela nunca poderia ser velha demais para aquilo; ela seria atraída de volta incessantemente, sua curiosidade constantemente renovada. Disto ela sabia: nunca se pode cansar de decapitar um dente-de-leão e espremer para fora suas entranhas leitosas. Quanto mais o gesto é repetido, mais irresistível ele se torna. Não há escolha senão a de profanar uma haste de dente-de-leão. Ela está lá para isso.

O gozo dele tinha o aroma do feno doce e mofado em que havia dormido. Ela se ajoelhou delicadamente e limpou suas mãos na grama alta. Enquanto caminhava para casa vinda do lugar secreto, os cães do vilarejo tocavam as palmas de suas mãos com seus focinhos, suas línguas quentes lambendo o aroma que enfraquecia.” (tradução livre do autor deste trabalho)

experiência é o confronto com Adrien, o fotógrafo que se integra ao grupo. Certa de que o som de chuva acalmaria os gemidos melancólicos do amado adormecido, Madeleine sobe ao telhado da caravana e derrama punhados de cascalho, obtendo o resultado esperado. Porém ela logo avista Adrien e seu carrinho de fotografia cheio do mesmo cascalho chegando para executar a mesma ação que ela desempenhava. Furiosa, ela tenta impedir com que ele suba ao telhado pisando em seus dedos, mas a expressão da dor do rapaz, “(...) the sight of dumb, suffering Adrien” (BYNUM, 2004, p. 104)¹⁷ acaba por desencadear a percepção de que ela quer impedi-lo porque deseja Pujol apenas para si:

Adrien takes this opportunity to heave himself onto the roof. From the damp ground below, Madeleine scowls at him, thinks up curses. May your every picture be pornographic! May your glass plates shatter! May you ruin every single thing you touch.

Her curses are bitter, not only because he is up on the caravan, and she down on the grass, but also because what was once faint and without name – no more than a shudder, a flush, a short spell of light-headedness, an intestinal fluttering – feels now like a wound.

Without knowing it, he has told Madeleine her own secret.

That she loves the flatulent man; that she aches for him (BYNUM, 2004, p. 106)¹⁸.

Tomando esses incidentes da narrativa e os levando para dentro dos preceitos estabelecidos por Jung (1957), torna-se possível a interpretação deles enquanto momentos da trajetória de individuação. São os acontecidos simbólicos inseridos na trajetória onírica que acabam por fornecer o material que a consciência de Madeleine ainda não havia percebido, retirando o desejo sexual e a emoção romântica dos círculos do inconsciente e trazendo-os para a percepção vígil.

Quando aplicados sobre as várias alegorias e transpostos para o universo da narrativa de *Madeleine Is Sleeping* (2004), os pressupostos Jungianos apresentam um notável encaixe. O sonho de Jung (1957) se identifica intimamente com os eventos descritos como sendo consequências das maquinações da mente adormecida da personagem principal. Todos os momentos que ocorrem na trajetória de desconexão com a materialidade podem ser vistos

¹⁷ “(...) a visão do tolo, sofrido Adrien.” (tradução livre do autor deste trabalho)

¹⁸ “Adrien toma essa oportunidade para se erguer ao telhado. Do chão úmido abaixo, Madeleine franze o cenho para ele, elabora maldições. Que toda foto sua seja pornográfica! Que seus pratos de vidro se estilhacem! Que você arruíne tudo que tocar.

Suas maldições são amargas, não somente porque ele está sobre a caravana, e ela está lá embaixo na grama, mas também porque o que antes era fraco e sem nome – nada além de um tremor, um rubor, um rápido momento de vertigem, uma flutuação intestinal – agora dói com uma ferida.

Sem saber, ele havia contado a Madeleine seu próprio segredo.

Que ela ama o homem flatulento; que ela anseia por ele.” (tradução livre do autor deste trabalho)

como os símbolos expressos pelo sonho na forma de compensação, para que Madeleine possa avançar em seu processo de individuação.

3 ENTRE O SONHO E O REAL: EXPLORAÇÕES DO TEXTO

A fábula vívida e poética de *Madeleine Is Sleeping* (2004) fornece material para diversas análises devido a suas características fantásticas e sua construção incomum. Juntamente aos estudos realizados no capítulo anterior com base nos conceitos de Jung (1957) relativos ao sonho e seu papel enquanto conciliador entre os planos do consciente e do inconsciente e participante ativo no processo de individuação do ser, este capítulo realiza duas outras explorações da narrativa de maneira integrada com o ideal de sonho, estabelecendo diálogos com alguns dos aspectos exibidos previamente.

A primeira dessas análises, calcada em Hutcheon (1991) volta seu olhar para os contornos pós-modernos existentes no romance, como a marcante herança dos contos de fada que se faz presente, sua forma curiosamente fragmentada, sua sequência narrativa cheia de desencontros propositais e os elementos do grotesco na obra. Já a segunda se voltará para o processo criativo sonhador, como postulado por Bachelard (1988), para executar a ligação entre o mundo onírico formativo do romance e o impacto que ele pode executar sobre a existência do leitor que com ele interage. As duas análises interligam-se ao ponto principal do estudo, participando da descrição do sonho como elemento central e regente na obra.

3.1 O PÓS-MODERNISMO: INTERTEXTUALIDADE, FORMA E SUBVERSÕES

Na obra *Poética do Pós-Modernismo: história, teoria, ficção* (1991), Linda Hutcheon explana sobre o conceito de pós-modernidade no romance e seu impacto sobre as construções que surgem a partir de sua integração na estética da narrativa. O Pós-modernismo, advindo das mudanças nos paradigmas sociais, filosóficos e artísticos, não pode ser considerado exatamente como um movimento literário, da mesma forma que o Modernismo, pois surgiu de um sistema de contradições que objetivavam obter significação através de análises críticas, que não necessariamente deram conta de universalizar as culturas que ele se propunha a expor. Assim sendo, Hutcheon (1991) postula que o Pós-modernismo realiza uma exploração dos mais variados aspectos contidos na Literatura, porém sempre colocando em questionamento os padrões da tradição, exigindo do sujeito leitor a formação de uma linha de pensamento crítica em relação aos próprios padrões literários internalizados, para então efetivamente perceber que os paradoxos levantados pelas características de desafio e

subversão pós-modernas funcionam como destaque para a Literatura em si, ou, como afirma a autora:

Por ser contraditório e atuar dentro dos próprios sistemas que tenta subverter, provavelmente o Pós-modernismo não pode ser considerado como um novo paradigma (nem mesmo até certo ponto da acepção kuhniana do termo). Ele não substituiu o humanismo liberal, mesmo que o tenha contestado seriamente. No entanto, pode servir como marco da luta para o surgimento de algo novo. As manifestações dessa luta na arte podem ser aquelas obras quase indefiníveis e certamente bizarras, (...) (HUTCHEON, 1991, p. 21).

Dessa forma, o ambiente estético pós-moderno, retomando e retrabalhando princípios do Modernismo, oferece como bases para o desenvolvimento cultural a quebra de conceitos fixos estabelecidos previamente e visa o questionamento, muitas vezes materializado em romance por meio da ironia, da paródia e do grotesco, como forma de se firmar “(...) uma reavaliação crítica, um diálogo irônico com o passado da arte e da sociedade, a ressurreição de um vocabulário de formas arquitetônicas criticamente compartilhado” (HUTCHEON, 1991, p. 20).

Como anteriormente dito, Hutcheon explicita o foco das análises de sua obra se mantém sobre a Literatura, especialmente sobre os romances que habilmente classifica como sendo pertencentes à *metaficção historiográfica*, termo utilizado por ela para se referir a romances possuidores de intensa carga de autorreflexão, mas que, ao mesmo tempo, reapropriam-se de eventos, personagens e simbologias históricas. Nas palavras de Hutcheon:

Na maior parte dos trabalhos de crítica sobre o Pós-modernismo, é a narrativa – seja na literatura, na história ou na teoria – que tem constituído o principal foco de atenção. A metaficção historiográfica incorpora todos esses três domínios, ou seja, sua autoconsciência teórica sobre a história e a ficção como criações humanas (*metaficção historiográfica*) passa a ser a base para seu repensar e sua reelaboração das formas e dos conteúdos do passado (HUTCHEON, 1991, p. 22).

Portanto a construção do romance pós-moderno vai retomar elementos do passado e subvertê-los, para que ocorra uma rerepresentação crítica desses aspectos e novos pontos de significação sejam levantados.

Hutcheon declara, finalmente, que o ambiente da pós-modernidade não é anti-histórico e muito menos totalmente dissociado da historicidade, e sim uma maneira diferenciada de se pensar conhecimentos históricos de maneira questionadora. Ela cita pressupostos de vários teóricos estudiosos da interligação entre o discurso histórico e o discurso literário, afirmando que seus postulados funcionam da mesma maneira que a metaficção historiográfica na análise dessa conexão. A autora também oferece exemplos das estratégias que a ficção pós-moderna utiliza para realizar essa análise, como a problematização da forma e da linguagem narrativa, a intertextualidade, e as variadas estratégias de representação dentro do romance.

Partindo dos pressupostos de Hutcheon (1991), se pode partir para a análise de *Madeleine Is Sleeping* (2004) tendo em vista os conceitos e os artifícios da ficção da pós-modernidade.

Primeiramente se faz presente a necessidade de se analisar a intertextualidade da obra com a tradição clássica dos contos de fadas. O romance aqui analisado possui fortes ligações com o conto *A Bela Adormecida*, como já notado pelo acadêmico chinês Wei Quanfeng, em seu estudo intitulado *Postmodern Rewriting of "Sleeping Beauty": Analysis of "Madeleine Is Sleeping" by Chinese-American Sarah Shun-Lien Bynum* (2009)¹⁹, em que ele propõe que o romance seria uma readaptação da história original trazida para o contexto da pós-modernidade e realiza uma comparação, objetivando descrever o experimentalismo da escrita de Sarah Shun-Lien Bynum. Aqui neste trabalho, no entanto, a análise dessa herança se foca na expressão do sonho, e como os elementos pós-modernos de intertextualidade, forma do romance, papel da narração e elementos grotescos subvertidos, acabam por auxiliar na ideia geral de que a narrativa é toda guiada pelos processos oníricos.

No conto *A Bela Adormecida* (*Dornröschen*, ou *Briar Rose*, em outras versões), catalogado pelos Irmãos Grimm (2005), o nascimento de uma princesa é celebrado nos domínios do reino, com todos os habitantes, incluindo as fadas, sendo convidados a tomar parte das festividades no castelo. Havia treze fadas no reino, mas o rei só possuía doze pratos de ouro para servi-las. Dessa forma, uma delas não foi convidada. Durante a celebração, uma a uma as fadas realizam seus desejos e abençoaram a menina com os mais variados dotes. Quando a décima primeira das fadas convidadas terminou sua bênção, a fada que não havia sido chamada surgiu no meio da festa e, para se vingar pelo ultraje de não ter sido chamada, amaldiçoou a recém-nascida princesa: assim que ela chegasse à adolescência iria espetar seu dedo em uma roca de fiar e morrer. Após seu agouro, ela se retirou, deixando todos os presentes estupefatos. A décima segunda e última fada presente, no entanto, ainda não havia abençoado a menina. Ela não pode desfazer a magia da fada má, mas, por meio de sua própria magia, atenuou a maldição, profetizando que a jovem não morreria ao espetar o dedo na roca, mas entraria em um sono profundo e impenetrável, só podendo ser despertada pelo beijo do amor verdadeiro. Aterrorizados com a situação, o rei e a rainha, pais da princesa, mandam banir todas as rocas do reino, a fim de que a maldição nunca se cumprisse. Mesmo assim a

¹⁹ Com exceção do título e do resumo, escritos em inglês, o trabalho de Quanfeng é todo escrito em chinês, portanto o acesso à interpretação de seu trabalho é extremamente difícil.

fada má realizou suas maquinações, se disfarçando como uma velha e colocando uma roca num dos quartos do castelo. Quando a princesa, agora uma moça, encontra aquele objeto que nunca havia visto antes, é movida pela curiosidade e acaba espetando seu dedo no fuso do tear. Ela e todos no reino adormecem depois disso, e permanecem durante muitos anos sob o sono profundo. A história da princesa, chamada então de Bela Adormecida, corre por léguas e mais léguas, se espalhando e fascinando inúmeros aventureiros, que tentam alcançá-la na torre do castelo, mas não conseguem transpor os grandes espinhos que agora guardam a entrada. Finalmente, cem anos depois do início da maldição, um bravo e galante príncipe decide resgatar a princesa dormente. Com determinação ele consegue penetrar o castelo e, com um beijo, despertar a princesa. Com a quebra da maldição, todos no reino despertam também, e os jovens se casam em uma bela cerimônia.

É inevitável notar uma semelhança explícita entre a história da princesa adormecida e a de Madeleine, justamente porque a trajetória desta se trata de uma paródia pós-moderna da primeira, e essa perspectiva se realiza na inferência executada pelo leitor quando se depara com as duas obras. Como Hutcheon (1991) pontua em seu estudo sobre a intertextualidade, a ficção pós-moderna “muitas vezes permite essa duplicidade contraditória: os intertextos da história assumem um *status* paralelo na reelaboração paródica do passado textual do ‘mundo’ e da literatura” (HUTCHEON, 1991, p. 163). Dessa forma, a paródia de caráter irônico se constitui de elementos históricos para executar uma marcação formal do fator de ruptura com o passado, porém ao mesmo tempo afirma seu vínculo com ele.

Assim como a princesa dos Irmãos Grimm (2005), Madeleine se encontra na mesma fase de transição, abandonando o corpo e a mentalidade infantis e rumando em direção da maturidade sexual e emocional. Ela também está deitada, em um estado de latência em seu sono, prolongado por sua Mãe. As duas jovens recebem a visita de um homem que deseja despertá-las. No caso de Madeleine não há comprovação nenhuma que o visitante é um príncipe, mas é possível presumir que devido aos propósitos parodiais da releitura pós-moderna ele represente essa figura, como em:

A handsome man appears at the door, wearing a bristling moustache. He is not craving preserves. He is asking for Madeleine.
 Claude says, She is sleeping.
 The handsome man answers, I have come to awaken her.
 Claude asks, How are you going to do that?
 I am going to kiss her mouth.
 Wait a minute.

Claude shuts the door (BYNUM, 2004, p. 29)²⁰.

A metáfora do sono, porém, se distingue nas duas trajetórias; enquanto que a jovem princesa do conto de fadas é despertada pelo príncipe, aqui simbolizando o tão esperado encontro com o desejo sexual, Madeleine também é visitada por um príncipe, mas ele não é bem-sucedido em seu desafio para despertá-la com um beijo, como evidenciado em:

She is perfect, the handsome man says. More perfect than I ever imagined.
He turns to Mother and plunges into a gallant bow: May I?
Mother says, proudly, If you would.
He shoos the brothers and sisters from the bed and smooths back his hair, moving with the grace and determination of a maestro. He is nearly overcome with the warmth and fragrance rising from Madeleine's body and pauses, suspended over her, savoring the moment. He imagines how he will describe it, sitting by the hearth, to their flock of children.
He descends for the kiss. It is loud and ardent.
Crouched over, he waits for the blissful response, the two unresisting lips that will succumb and then, hungrily, lunge for more. Crumbs speckle his bristling moustache. Simmering preserves fart in Mother's cauldron. The handsome man waits, stiff as a statue. He discovers that he has developed a cramp in his side.

The handsome man is crestfallen.
Mother sends him home with a pot of preserves.
She refuses his money. It's a gift, she insists (BYNUM, 2004, p. 31-32)²¹.

Madeleine não é despertada pelo beijo apaixonado do homem que a visita porque seus sonhos a libertam. Através deles ela consegue executar sua trajetória de individuação e autodescoberta por conta própria, entrando em contato com seus impulsos sexuais e com suas

²⁰ “Um formoso homem aparece à porta, com seu bigode eriçado. Ele não está atrás de compotas. Ele pergunta por Madeleine.

Claude diz, Ela está dormindo.

O formoso homem responde, Eu vim para despertá-la.

Claude pergunta, Como você fará isso?

Eu vou beijar seus lábios.

Espere um minuto.

Claude fecha a porta” (tradução livre do autor deste trabalho).

²¹ “Ela é perfeita, o formoso homem diz. Mais perfeita do que eu jamais imaginei.

Ele se volta à Mãe e mergulha em uma galante reverência: Posso?

A Mãe diz, altivamente, Se quiser.

Ele enxota os irmãos e irmãs pra longe da cama e alisa seu cabelo para trás, se movendo com a graça e a determinação de um maestro. Ele é quase vencido pelo calor e pela fragrância que sobem do corpo de Madeleine e para, suspenso por ela, degustando o momento. Ele imagina como irá descrever o momento, sentado próximo à lareira, para seu rebanho de filhos.

Ele se abaixa para o beijo. Ele é barulhento e ardente.

Agachado, ele espera pela beatífica resposta, os dois lábios irresistíveis que irão sucumbir e então, famintos, pedirão por mais. Farelos se espalham por seu bigode eriçado. Compotas ferventes expelem gases no caldeirão da Mãe. O formoso homem espera, paralisado como uma estátua. Ele percebe que está com uma câibra no lado do corpo.

O formoso homem está cabisbaixo.

A Mãe o envia para casa com um pote de compota.

Ela recusa seu dinheiro. É um presente, ela insiste.” (tradução livre do autor deste trabalho)

emoções românticas. Esse é o ponto de cisão entre as similaridades das duas personagens; a princesa permanece durante cem anos adormecida até que a pulsão de sua sexualidade seja despertada pela figura masculina, que a completa, ao passo que Madeleine, por si própria, experimenta com sua nova condição através do sonho. Os elementos paródicos pós-modernos revisitam a narrativa histórica do conto de fadas, porém recontextualizam aspectos para executar um rompimento com as funções literárias antes estabelecidas e tomadas como padrão.

Outra relação entre as duas histórias que pode ser retirada da comparação é a existente entre a fada má que amaldiçoa a princesa e a Mãe de Madeleine: a primeira, por despeito, causa o adormecimento, enquanto que a segunda faz de tudo para manter a filha no estado de letargia em que se encontra. Essas ações de ambas acabam por ocasionar o confinamento das jovens em ambientes fechados; a princesa em seu castelo e Madeleine na casa de sua família. Retomando as ideias de Jung (1957), a simbologia desse confinamento é a de repressão sexual, pois ambas as moças são dessa forma impedidas de sair do sistema de vigilância familiar e de acessar os novos desejos e sentimentos que se desenvolvem.

O segundo conto de fadas que neste trabalho é analisado em relação direta à *Madeleine Is Sleeping* (2004) é *A Donzela sem Mãos* (*Das Mädchen ohne Hände*), na versão usada por Clarissa Pinkola Estés (1994) em sua obra *Mulheres que correm com os lobos: mitos e histórias do arquétipo da mulher selvagem* (1994). Nessa história, acompanhamos a dolorosa jornada de uma jovem que passa por inúmeros percalços até atingir a felicidade. Um pobre moleiro atormentado por dificuldades é abordado pelo Diabo, disfarçado como um estranho velho, quando vai cortar lenha na floresta próxima a sua casa. Lá, o Diabo lhe diz que vai fornecer muita riqueza e bens em troca do que estava atrás do moinho. O moleiro, achando atrás do moinho somente estava uma macieira florida, concordou com a proposta, descobrindo logo depois através de sua mulher que quem estava no local requerido pelo Diabo era sua filha. Desconsolados, os pais a preparam para ser levada, porém por duas vezes o Demônio não conseguiu se aproximar dela, devido à sua pureza. Ele ordena que suas mãos sejam cortadas e, horrorizado, o pai arranca as mãos da filha com um machado. Mesmo após esse ato de atrocidade a moça ainda se purificava com suas lágrimas, e o Diabo não pode levá-la, abandonando o local proferindo mil maldições, tendo perdido o direito a ela depois de três tentativas. Com o tempo, os pais envelheceram e prometeram que iriam manter a filha em um castelo de riquezas e beleza, mas ela renuncia a essa possibilidade e decide se tornar mendiga, vagando pelo mundo e dependendo da bondade de quem pudesse ajudá-la.

Assim ela fez, saindo e caminhando por horas até a noite. Desfalecendo, a jovem finalmente encontra um pomar real, repleto de peras, porém cercado por um fosso profundo, que impossibilitava seu acesso. Ao ser auxiliada por um espírito vestido de branco a adentrar o pomar e conseguir comer uma das peras, a moça é avistada pelo jardineiro, que no dia seguinte conta o ocorrido ao rei. À noite, juntamente com o mago e o jardineiro, o rei monta guarda no pomar, encontrando a moça e seu espírito guardião. O mago entra em contato com eles, e afirma que a moça é ao mesmo tempo desse mundo e do outro. O rei, comovido pela jovem, decide acolhê-la e ela se torna sua esposa, a rainha. Ele manda fazer mãos de prata para ela, que ficam presas onde suas antigas mãos estavam.

Após algum tempo de calmaria, o rei vai à guerra em um reino distante, e pede para sua mãe cuidar da rainha e avisá-lo imediatamente caso ela esteja esperando um filho. Assim se cumpre: logo se descobre que a rainha está grávida, e a velha mãe envia um mensageiro para notificar o rei. Porém, no meio do caminho, o mensageiro se sente extremamente cansado e adormece. O Diabo então troca a mensagem, fazendo com que o rei se desesperasse, achando que o bebê fosse metade cachorro. Segue-se então uma troca de mensagens interceptadas e alteradas pelo Diabo, resultando em uma ordem para que a rainha e seu bebê fossem executados, e que os olhos e a língua dela fossem guardados como prova. Com pena, a velha toma os órgãos de uma gazela para enganar o rei e facilita a fuga da nora e do neto para que ficassem em segurança. A rainha então, vagando com seu filho nos braços, é guiada pelo espírito protetor até uma estalagem no meio da floresta, onde ela permanece em segurança por sete anos. Durante sua estadia na floresta, as mãos da rainha começam a se regenerar lentamente, indo do formato de mãos infantis até as plenas mãos de mulher. O rei retorna da guerra, e passa a vagar pela Terra, buscando pela mulher e pelo filho desesperadamente por mais sete anos, até passar pela estalagem da floresta, reencontrando-os. De início ele não acredita que ela seja sua amada, pois ela agora possui mãos novamente, mas depois de ver as mãos de prata que ela havia guardado como tesouro, ele obtém a confirmação que precisava. Um grande banquete é realizado na floresta, e a família real retorna para junto da velha mãe, onde o rei e a rainha realizam um segundo casamento e tem muitos outros filhos.

O paralelo principal que pode ser estabelecido entre a história da Donzela sem Mãos e a jornada de Madeleine é o momento da mutilação das mãos. Em seu *Diccionario de los Símbolos* (1986), Jean Chevalier traz como significado simbólico das mãos:

La mano expresa la idea de actividad al mismo tiempo que la de potencia y dominio. En castellano, así como en las lenguas extremo orientales, expresiones tales como «meter o poner mano» y «dejar de mano» [o «abrir mano de»], tienen el sentido

corriente de comenzar y abandonar alguna cosa. Sin embargo, ciertos escritos taoistas (*Tratado de la Flor de Oro*) les dan el sentido alquímico de coagulación y disolución, correspondiendo la primera fase al esfuerzo de concentración espiritual y la segunda a la no intervención, al libre desarrollo de la experiencia interior, en un microcosmos que escapa al condicionamiento espaciotemporal. Conviene acordarse de que la palabra manifestación tiene la misma raíz que mano; lo manifestado es lo que puede ser cogido por la mano (CHEVALIER, 1986, p. 682)²².

Assim sendo, a mão significa o contato com o mundo, o aprendizado e o domínio do que está ao alcance do sujeito em controle dela. Ao perder suas mãos, a donzela perde também o controle de sua vida, em um acordo que não foi feito por ela, mas que desprezou sua própria autonomia e a condenou a passar por todo um conjunto de tribulações.

A donzela tem suas mãos decepadas por seu pai, num ato descabido ocasionado pelo medo das consequências que o acordo com o Diabo proporcionaria. Ao fazê-lo, ele a despe de sua capacidade de exercer o autocontrole, e como afirma Estés (1994), impossibilita o contato com seu Si-mesmo selvagem, forçando-a a seguir em uma jornada de redescoberta de si própria, adentrando na floresta e encontrando um novo rumo em sua existência feminina, passando por vários estágios até o momento em que suas mãos começam a retornar a ela, significando a retomada da ligação com seu Si-mesmo e do aprendizado autônomo que lhe faltava.

Madeleine tem suas mãos queimadas em um caldeirão de sabão fervente por sua mãe após a descoberta de seu primeiro contato sexual, o que faz com que seus dedos se liguem como se fossem membranas e suas mãos adquiram a aparência de duas pás. Logo após essa mutilação, ela é enviada a um convento em Paris, longe de sua casa e sua família, e a partir disso, inicia sua jornada onírica que resulta na conscientização de seu status enquanto mulher.

Sua mutilação pode ser interpretada como um ato punitivo de castração por parte de sua mãe, em uma atitude quase similar a do pai da donzela do conto de fadas. Por ter explorado o que não era desejado por sua mãe e aprendido sobre o desejo e o ato sexual, a jovem tem as mãos queimadas no sabão fervente, podendo, através das imagens do sabão e do fogo, além do sentido de punição, significar purificação, visto que o sabão é utilizado para

²² “A mão expressa a ideia de atividade ao mesmo tempo que a de potência e domínio. Em espanhol, assim como nas línguas do Extremo Oriente, expressões tais como «enfiar ou meter a mão» e «largar mão» [ou «abrir mão de»], tem o sentido corrente de começar e abandonar alguma coisa. Sem embargo, certos escritos taoistas (*Tratado da Flor de Ouro*) as dão o sentido alquímico de coagulação e dissolução, correspondendo à primeira fase do esforço de concentração espiritual e a segunda à intervenção, ao livre desenvolvimento da experiência interior, em um microcosmo que escapa ao condicionamento espaço-temporal. Convém concordar que a palavra manifestação tem a mesma raiz que mão; o manifestado é o que pode ser capturado pela mão.” (tradução livre do autor deste trabalho)

limpeza e o fogo carrega consigo desde os tempos primordiais a conotação de purificador por meio da destruição.

As cicatrizes nas mãos de Madeleine carregam a simbologia da lembrança, da retomada de consciência que o autoconhecimento proporciona. É interessante traçar como paralelo nessa interpretação a conexão íntima que Madeleine exhibe ter com Saint Michel, o santo padroeiro de seu vilarejo, um mártir que, após a devastadora onda de uma doença infecciosa, abandonou sua vida de riqueza e excessos para se tornar monge e infligir a si mesmo punições em sua clausura. Quando morreu, Michel, que havia se transformado na sombra do belo homem que um dia tinha sido, foi milagrosamente renovado e suas cicatrizes e feridas desapareceram, deixando seu cadáver novamente belo. Madeleine reflete sobre a história de Michel e se identifica com ele, chegando a afirmar em um domingo que estava na igreja que reconhecia seu próprio rosto na face da estátua do santo: “(...) a blade of empyreal light illuminated his once melancholy face, and she instantly recognized it as her own. Why, it’s me, she said to herself, without wonder. I have been looking at myself all along” (BYNUM, 2004, p. 10)²³. A ligação se forma através do reconhecimento da dor e do sofrimento da mutilação que ambos tiveram de superar. A “(...) punished hand (...)” (BYNUM, 2004, p. 54)²⁴ da jovem possibilita o prosseguimento de sua jornada em busca da descoberta de seu novo ser. Finalmente, assim como aconteceu com Saint Michel em sua redenção e com a Donzela sem Mãos depois de seu exílio na floresta, as mãos de Madeleine são restauradas, com o progresso de sua jornada, o retorno ao vilarejo e a reintegração de suas duas facetas (a jovem adormecida e a mulher recém-formada).

Partindo para a segunda análise de elementos do romance tendo em vista as características retomadas pelo Pós-modernismo, os olhares se voltam para a forma e apresentação da narrativa e o estilo de narração, que, assim como no Modernismo, são caracterizados por sua desconexão da linearidade clássica e dos formatos comuns. Hutcheon (1991), em seus conceitos sobre a metaficção historiográfica da pós-modernidade, aponta a problematização da forma e da linguagem no romance como uma das estratégias de contestação do passado e desenvolvimento crítico, visto que, por meio da quebra dos padrões

²³ “(...) uma lâmina de luz iluminou a antes melancólica face dele, e ela instantaneamente a reconheceu como sendo a sua própria. Nossa, sou eu, ela disse a si mesma, sem espanto. Eu estive olhando para mim mesma todo esse tempo.” (tradução livre do autor deste trabalho)

²⁴ “(...) mão punida (...)” (tradução livre do autor deste trabalho)

que historicamente criaram um modelo de forma literária se desenvolvem novos métodos de se pensar e estruturar o romance.

Madeleine Is Sleeping (2004) constitui-se em uma sequência visual de blocos de texto separados, geralmente curtos e que possuem títulos independentes que se ligam de alguma forma com informações, acontecimentos ou previsões presentes naquela unidade textual. Embora esses blocos a primeira vista pareçam ser independentes e possam confundir o leitor, quando pensados sob a proposta principal do sonho de Jung (1957) no romance eles passam a possuir maior carga significativa. Se a jornada da personagem principal se desenvolve no terreno onírico, a estrutura em blocos pode ser interpretada como sendo parte pertencente às maquinações do inconsciente, expondo gradualmente em fragmentos fantásticos diferentes símbolos e eventos que contribuem para o desenvolvimento, tanto de Madeleine quanto do próprio romance. Um detalhe curioso é o fragmento intitulado “Stirring”, que possui somente a frase: “Madeleine stirs in her dreams” (BYNUM, 2004, p. 6)²⁵, e que se repete quatro vezes durante todo o romance, indicando que toda vez em que a jovem adormecida se agita na cama enquanto sonha, ocasiona uma mudança no cenário e nas personagens em foco logo em seguida.

Associada intimamente com a estrutura gráfica “quebrada” do romance está a progressão irregular do romance, elaborada a partir da falta proposital de linearidade narrativa, com idas e vindas que alteram o tempo as visões do leitor sobre o espaço em que as ações tomam, as personagens que se alternam em diferentes planos de representação e as inúmeras reflexões realizadas durante a trajetória da personagem principal em direção a sua autodescoberta. Logo nas primeiras páginas do romance o foco da narração se altera inúmeras vezes, introduzindo diversas personagens e suas histórias de uma vez só, e entrelaçando todas elas. Mais uma vez o conceito do sonho Jungiano, possuidor de uma carga muito baixa de significações facilmente discerníveis, se faz importante para a interpretação desse fenômeno. A narrativa segue o ritmo dos sonhos de Madeleine, que se alteram e tomam caminhos inesperados a todo o momento, justificando o fluxo frenético de alternâncias da progressão narrativa da obra.

A forma de narração presente no romance também se interliga com os conceitos previamente expostos. Ela segue uma curiosa junção de monólogos interiores com fluxos de consciência repentinos, realizando uma ligação entre os aspectos físicos e mentais das

²⁵ “Madeleine se agita em seus sonhos.” (tradução livre do autor deste trabalho)

personagens em uma só narração. Com relação às definições dos dois estilos, Leite (2002) afirma que:

(...) o monólogo interior implica um aprofundamento maior nos processos mentais, típico da narrativa deste século. A radicalização dessa sondagem interna da mente acaba deslanchando um verdadeiro fluxo ininterrupto de pensamentos que se exprimem numa linguagem cada vez mais frágil em nexos lógicos. É o deslizar do monólogo interior para o fluxo de consciência (LEITE, 2002, p. 68).

Assim sendo, as duas formas de narração também se interligam com a temática do sonho que perpassa o romance. Ao se valer delas, ambas de funcionamento extremamente interno, pode-se afirmar que estaria sendo utilizada uma expressão típica do sonho, ao mesmo tempo em que se mantém o aspecto críptico do funcionamento do inconsciente.

Finalmente, a última proposta do pós-moderno a ser abordada é a presença do grotesco na obra analisada, e como ele é utilizado de maneira subversiva na narrativa. Como já colocado anteriormente por meio de Hutcheon (1991), a obra de ficção pós-moderna possui vários artifícios para desafiar a norma literária histórica e promover uma ruptura crítica com conceitos previamente regentes. A utilização de elementos do grotesco pode ser considerada uma dessas estratégias, visto que se encaixa dentro do pressuposto da problematização das estratégias de representação. O grotesco atua causando o estranhamento, e por vezes, a repulsa no leitor, retratando personagens ou situações de maneira muito perturbadora. Porém sua utilização em *Madeleine Is Sleeping* (2004) de certa forma subverte a própria ferramenta de subversão: sua origem se dá por meio da influência dos sonhos da personagem principal, e seu uso é sensível, romântico e até mesmo belo dentro da obra, trazendo uma sensibilidade sem par para imagens e símbolos que normalmente seriam renegados como repulsivos.

Descrições do corpo humano e aberrações deste advindas dos sonhos da personagem principal são presenças constantes dentro da narrativa. Matilde Cochon, a vizinha que se considera uma mulher das ciências, e M. Marais, o marido músico de Charlotte, são retratados como pessoas extremamente gordas, mas a maneira com que suas descrições ocorrem é de delicadeza sem par, especialmente no caso de Matilde, que ganha um par de asas a partir do momento em que Madeleine sonha, podendo se mover por cima das casas da vila e conduzir seus experimentos. Charlotte, a esposa de Marais, com ciúmes da viola que ele possui e que foi talhada de maneira a ser idêntica a ela, altera seu próprio corpo na esperança de se tornar atraente para o marido. Crescem nela longos pelos ao longo do corpo que são semelhantes às cordas do instrumento, e surgem marcas como as das laterais da viola nela. M. Pujol, o macambúzio objeto das afeições de Madeleine, possui a habilidade de criar qualquer som com o ar que entra e sai facilmente de seu intestino, habilidade esta que adquiriu após um acidente

de infância na praia. Todas as características estranhas dos corpos dessas personagens (e também de Madeleine, enquanto possuía as mãos mutiladas) são descritas com riqueza de detalhes e notável refinamento, revertendo a premissa do grotesco; o que deveria ser repulsivo acaba por se tornar belo.

3.2 A ESCRITA SONHADORA E SEU IMPACTO

Gaston Bachelard, em sua obra *A poética do devaneio* (1988), trata da criação poética e imaginativa, por intermédio de sua crítica oriunda da Fenomenologia. O filósofo acreditava que a Fenomenologia funcionava de maneira a integrar o pesquisador à mente do poeta, fazendo com que os mistérios da criatividade poética fossem encontrados. Nas palavras do autor: “Obrigando-nos a um retorno sistemático a nós mesmos, a um esforço de clareza na tomada de consciência a propósito de uma imagem dada por um poeta, o método fenomenológico leva-nos a tentar a comunicação com a consciência criante do poeta” (BACHELARD, 1988, p. 1).

Partindo desse ponto, Bachelard analisa a ligação entre fenômenos de ordem psíquica vindos do inconsciente e afirma que a poesia é o destino da palavra, pois a imagem poética “pode ser o germe de um mundo, o germe de um universo imaginado diante do devaneio de um poeta” (BACHELARD, 1988, p. 1). Seguindo esse pensamento, o autor então afirma que a interação com o texto poético, acessada por meio da conscientização da linguagem utilizada pelos poetas, confere ao leitor elevação espiritual e que a ferramenta ideal de alcance da ingenuidade maravilhante seria o devaneio.

Esse devaneio, um “sonho consciente” muito próximo ao sonho noturno, é que desencadearia no escritor o processo de criação poética, e esse mesmo estado deveria ser induzido por meio do texto sobre o leitor, para que este pudesse ter seu ser e sua existência alterados e sua experiência de vida aprimorada por meio das modificações proporcionadas pelo contato com a imaginação poética trazida pelo autor.

Finalmente, o filósofo se utiliza dos conceitos de Jung (1957) sobre os dois arquétipos contrassexuais, a *anima* e o *animus*, já expostos neste trabalho anteriormente. Porém Bachelard traz as duas figuras arquetípicas para o plano da criação poética, afirmando que a anima é a fonte mais profunda do inconsciente, que dela derivam os devaneios e que ela deve ser acessada para que ocorra a transformação por meio da linguagem poética. Nas palavras do autor:

E eis-nos no centro da tese que queremos defender no presente ensaio: *o devaneio está sob o signo da anima*. Quando o devaneio é realmente profundo, o ente que vem sonhar em nós é a nossa *anima*. Para um filósofo que se inspira na fenomenologia, um devaneio sobre o devaneio vem a ser precisamente uma fenomenologia da *anima*, e é coordenando devaneios de devaneios que ele espera constituir uma "Poética do devaneio". Noutros termos: a poética do devaneio é uma poética da *anima* (BACHELARD, 1988, p. 59).

Dessa forma, transpondo as ideias de Bachelard para a obra aqui analisada, *Madeleine Is Sleeping* (2004), que possui fortes traços de prosa poética em sua construção, pode-se traçar um paralelo entre a forma de criação poética pressuposta pelo filósofo e o que é encontrado na construção e nas intenções do romance. Como se trata de uma narrativa pós-moderna, se pode perceber que, através das intenções de ruptura com a tradição, as fronteiras literárias são diluídas a ponto de não existir diferenciação entre as formas de prosa e de poesia, e também entre seus processos criativos por parte do autor.

Embora o devaneio e o sonho não sejam exatamente o mesmo processo e possuam origens diferentes dentro das maquinações da inconsciência, na contextualização da obra com a teoria de Bachelard eles estão desempenhando o mesmo papel, conciliando o consciente e o inconsciente, e proporcionando desenvolvimentos para o ser na postura vígil. Bachelard, em relação ao desenvolvimento de visão própria de mundo e também de si, postula que:

Quantas experiências de metafísica concreta não teríamos se prestássemos mais atenção ao devaneio poético! Abrir-se para o Mundo objetivo, entrar no Mundo objetivo, constituir um Mundo que temos por objetivo: longas diligências que só podem ser descritas pela psicologia positiva. Mas essas diligências, para constituir através de mil retificações um mundo estável, fazem-nos esquecer o fragor das aberturas primeiras. O devaneio poético nos dá o mundo dos mundos. O devaneio poético é um devaneio cósmico. É uma abertura para um mundo belo, para mundos belos. Dá ao eu um não-eu que é o bem do eu: o não-eu meu. É esse não-eu meu que encanta o eu do sonhador e que os poetas sabem fazer-nos partilhar. Para o meu eu sonhador, é esse *não-eu meu* que me permite viver minha confiança de estar no mundo. (BACHELARD, 1988, p. 13).

Dessa maneira, quando colocada em comparação direta com a figuração do sonho enquanto instrumento de individuação para Madeleine, podemos ver que por mais que o devaneio seja um processo diferente em sua essência teórica, ele pode ser visto na trajetória da personagem adormecida que passa pelo processo de aperfeiçoamento em sua psique. Essa mudança de visão de mundo pode ser vista neste trecho do romance, quando Madeleine em sua faceta onírica, ao cavar o solo em busca de "lembranças", acaba por ter finalmente suas mãos restauradas:

Madeleine shakes so hard that the Sky turns colors. She wants to make herself clear to her new appendage. She shakes so hard that even once she stands still, the world keeps tilting, fireworks keep bursting, her limbs stay unfamiliar to her, and when she lifts her dirty hands before her face, she does not recognize them. Her paddles, which have taken her to places she would never otherwise have seen, have

disappeared. Her two great mitts! In their place she finds ten wiggling digits: slender and stretching and bumping into one another in their newness. How funny, Madeleine thinks, to go looking for a little knife, and then a nail, and to find instead, in the cool black soil, her fingers. (BYNUM, 2004, p. 219).²⁶

O encontro de Madeleine com sua própria essência ocorre em meio a essa busca desenfreada atrás de memória perdidas no solo, dessa forma mostrando que o conceito de desenvolvimento em contato com o devaneio causado pelo texto poético funcionaria como uma metalinguagem dentro do romance *Madeleine Is Sleeping* (2004), em que o processo psíquico de individuação ocorre dentro da própria narrativa.

As pulsões femininas da alma são encontradas em profundidade por toda a obra. O impulso feminino de busca pela substância oculta e submersa é o que move Madeleine em seu processo de individuação mediado pelo sonho. A linguagem, as imagens e os símbolos utilizados na narrativa possuem cargas altamente poéticas, descrevendo como um mundo composto por sonhos funciona de maneiras inesperadas e surreais. Estabelecendo-se uma analogia, o processo que Bachelard descreve como sendo de elevação espiritual para o leitor, quando este entra em contato direto com o texto poético e através do devaneio causado por ele, obtém significados para a própria vida, funciona da mesma maneira que a individuação da personagem principal de *Madeleine Is Sleeping* (2004). A jovem tem como seu texto poético, que realiza a conscientização a descoberta de sua própria sexualidade e de suas emoções românticas, enquanto que o sonho propriamente dito que atravessa sua existência funciona como o devaneio de Bachelard, mediando a interação entre os conteúdos ocultos e a consciência da personagem.

²⁶ “Madeleine treme tão fortemente que o céu muda de cor. Ela deseja se fazer clara a seu novo apêndice. Ela treme tanto que mesmo depois de ficar em pé, o mundo continua girando, fogos de artifício continuam explodindo, seus membros continuam estranhos a ela, e quando ela levanta suas mãos sujas em direção a sua face, ela não as reconhece. Suas pás, que a levaram a lugares que de outra forma ela nunca iria ver, desapareceram. Suas duas grandes luvas! Em seus lugares ela encontrou dez inquietos dedos: finos e elásticos e indo de encontro uns aos outros em sua novidade. Que engraçado, pensa Madeleine, ir procurar uma faquinha, ou então um prego, e ao invés disso encontrar, em meio ao negro e frio solo, seus dedos.” (tradução livre do autor deste trabalho)

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise de *Madeleine Is Sleeping* (2004) intermediada pelas teorias de Jung (1957), sobre o sonho e seu funcionamento enquanto auxiliador do processo de individuação possibilita uma visão extremamente reveladora sobre o romance, e que abre portas para diversos estudos relacionados ao funcionamento do sonho na narrativa.

Através da grande metáfora escrita engenhosamente por Sarah Shun-Lien Bynum, podemos observar como a adolescência é um período de confusão e autodescoberta, cercada de novas sensações e impulsos que passam a fazer parte da vida do sujeito. Também pudemos ver como as transformações da adolescência são especialmente difíceis para a jovem do sexo feminino, que tem de enfrentar impedimentos de ordem social e psíquica que querem a impedir de experimentar com sua sexualidade e seu desejo. A percepção de como o fenômeno da individuação atua na psique através de mecanismos como o sonho, que funciona em sua estrutura ilógica e carregada de simbologias como uma sequência de pequenos despertares, trazendo conteúdos que se encontram desconexos na esfera do inconsciente para o ego desperto é claramente reconhecível em determinados eventos da narrativa que levam a protagonista ao reconhecimento de suas novas características sexuadas e sentimentais. Da mesma maneira, é inegável a participação de determinados arquétipos que habitam os recônditos do inconsciente para a identificação de determinadas características da personagem principal e de sua jornada em busca do autoconhecimento.

Também de importância neste trabalho foi a análise do romance visando a percepção de elementos próprios do Pós-modernismo, em conjunto com o que foi afirmado em relação ao sonho como base do romance. Hutcheon (1991) pontua que o Pós-modernismo “(...) realmente busca afirmar a diferença, e não a identidade homogênea” (HUTCHEON, 1991, p. 22), deixando claro que o que se busca através da ficção classificada como pós-moderna é a quebra de padrões e o levantamento de questionamentos sobre a história e a cultura. A noção de que *Madeleine Is Sleeping* (2004) é uma obra fruto dos ideais pós-modernos fica extremamente clara a partir das estratégias de questionamento do lugar-comum pós-modernistas encontradas na obra. A intertextualidade claramente perceptível entre o romance analisado e dois contos de fadas tradicionais evidencia a retomada de narrativas anteriores com novos propósitos e aspectos; o papel da forma e da estrutura narrativa como prolongamentos da ideia do sonho ressaltam o conceito de sonho da área temática e o estendem por todo o romance, fazendo com que a expressão onírica se completasse em um rompimento com a forma canônica; e o uso incomum da retratação grotesca no romance,

utilizado de maneira delicada e inspiradora mostra que há espaço para subversão dentro de um conceito já tido anteriormente como subversivo.

Finalmente, com a utilização da análise Fenomenológica de Bachelard (1988), foi delimitada uma analogia bastante interessante entre seu conceito de modificação da consciência do leitor por meio do devaneio no texto poético e a individuação da sexualidade e sensibilidade de Madeleine por intermédio do sonho em sua narrativa.

Em retrospecto, *Madeleine Is Sleeping* (2004), um romance de forma e conteúdo complexos, oferece uma alegoria curiosa e bem trabalhada para um momento fascinante e desconcertante da condição humana. A análise deste fragmento de vida mostrou-se importante por evidenciar o quão importantes são os desenvolvimentos psicológicos e a retomada do contato com o Si-mesmo, a matéria psíquica fundamental humana, que realiza a regulação da personalidade do indivíduo.

REFERÊNCIAS

BACHELARD, Gaston. **A poética do devaneio**. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo: a experiência vivida**. v. 2. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

BYNUM, Sarah S. **Madeleine Is Sleeping**. New York: Harcourt Trade, 2004.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Diccionario de los símbolos**. Barcelona: Herder, 1999.

ESTÉS, Clarissa Pinkola. **Mulheres que correm com os lobos: mitos e histórias do arquétipo da mulher selvagem**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

GRIMM, Jacob. **Contos dos Irmãos Grimm**. Rio de Janeiro: Rocco, 2005.

HALL, James A. **A experiência junguiana: análise e individuação**. São Paulo: Cultrix, 1986.

HUTCHEON, Linda. **A poética do pós-modernismo: história, teoria, ficção**. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

LEITE, Ligia Chiappini Moraes. **O Foco Narrativo**. São Paulo: Ática, 2002.

JUNG, Carl Gustav. **A natureza da psique**. Petrópolis: Vozes, 1994.

_____. **Aspects of the Feminine**. London: Routledge, 2003.

_____. **Memórias, Sonhos, Reflexões**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996.

_____; DE LASZLO, Violet S. (Ed.). **The Basic Writings of C. G. Jung**. New York: Modern Library, 1959.

QUANFENG, Wei. **Postmodern Rewriting of Sleeping Beauty: Analysis of Madeleine Is Sleeping by Chinese-American Sarah Shun-Lien Bynum**. Disponível em: <http://en.cnki.com.cn/Article_en/CJFDTOTAL-YMYL200902022.htm>. Acesso em: 05 de fevereiro de 2014.

YOUNG-EISENDRATH, Polly; DAWSON, Terence. (Eds.). **Manual de Cambridge para Estudos Junguianos**. Rio de Janeiro: Artmed, 2002.